

# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2361903129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031216</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
<a href="#">Romero de Albuquerque Maranhão</a>	
<a href="#">Norberto Stori</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
<a href="#">Francivaldo Alves Nunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
<a href="#">Marcelo Marcon</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
<a href="#">Denise Rocha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>227</b>
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>237</b>
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
<a href="#">Jéfferson Luiz da Silva Monteiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>248</b>
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
<a href="#">Denis Wan-Dick Corbi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>260</b>
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
<a href="#">Lívian Mota Magalhães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031224</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>271</b>
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
<a href="#">Marlene Ricardi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
<a href="#">Nila Michele Bastos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>293</b>
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
<a href="#">Valter Luiz de Macedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
<a href="#">Paula Afonso de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>330</b>
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
<a href="#">Valeria Portugal</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>336</b>
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
<a href="#">Nicole Naomi Handa Nomura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031231</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>341</b>
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
<a href="#">Mônica Chiffolleau</a>	
<a href="#">Juliana Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031232</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>348</b>
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
<a href="#">Nelson de Jesus Teixeira Júnior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031233</b>	

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>356</b>
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Juliana Cristina Ribeiro da Silva</li> <li>Sabrina Sales Araújo</li> <li>Patrícia Helena Mirandola Garcia</li> </ul>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031234</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>368</b>
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Vera Maria Ferreira Rodrigues</li> <li>Regina Maria Macedo Costa Dantas</li> </ul>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031235</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>374</b>
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Valessa Leal Lessa de Sá Pinto</li> <li>Angelo Santos Siqueira</li> <li>Abel Rodolfo Garcia Lozano</li> <li>Sérgio Ricardo Pereira de Mattos</li> <li>Jhoab Pessoa de Negreiros</li> <li>Tereza Luzia de Mello Canalli</li> <li>Geovane André Teles de Oliveira</li> </ul>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031236</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>385</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>386</b>

## ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR

**José Antônio de Sousa**

Pós-graduando em História/especialização na Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ

**RESUMO:** Essa pesquisa foi realizada no âmbito do programa de pós-graduação, mestrado em História, cultura e memória na Universidade Federal de Sergipe – PROHIS-UFS, com auxílio de bolsa pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior -CAPES. O objetivo é trazer em destaque algumas tipologias de arquitetura civil de uso misto da cidade de Macaúbas, região do Alto Sertão baiano, erigidas em diferentes contextos históricos, a partir de sua identificação, classificação e sistematização procurando evidenciar diferentes modelos de sistemas construtivos vernáculos e ecléticos, as influências da arquitetura colonial, os valores e práticas de morar e trabalhar. São exemplares representativos da identidade cultural daquela região, pelo seu caráter peculiar, remanescentes do patrimônio cultural. Coloca-se análise a relação entre arquitetura e sociedade, as práticas de construir, morar e trabalhar, presentes nas inter-relações a um conjunto de valores da identidade local, resultado de uma longa trajetória práticas empíricas nas técnicas tradicionais, circunscritas na história da arquitetura colonial brasileira. Em Macaúbas, podemos observar

as variantes dos estilos arquitetônicos da região em tela. Nestes ambientes construídos, palpitam uma atmosfera do espaço doméstico multifacetado de imagens fotográficas de família, do trabalho e relações sociais, onde podemos ver à disposição do mobiliário como os bancos, cadeiras, os utensílios domésticos nas cozinhas, e ferramentas, indicadores de hábitos e formas de sociabilidades presentes no espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura, sociedade, construir, morar e trabalhar.

### MIXED USE ARCHITECTURES IN MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: CONSTRUCTIVE SYSTEMS, LIVING AND WORKING PRACTICES

### RELAÇÕES ENTRE ARQUITETURA E HISTÓRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A arquitetura pode ser considerada uma fonte para a história? O referencial teórico metodológico da cultura material é importante para refletirmos acerca das fronteiras e circularidades de ideias entre história e arquitetura. A arquitetura no Alto Sertão baiano carrega em si um amplo conjunto de valores

simbólicos e históricos que conferem uma concretude da vida humana em suas individualidades e subjetividades perante as experiências históricas dos indivíduos. O modelo tipológico de casa de função ou uso misto é representativo desses valores simbólicos, pois, nos informam diversas necessidades em morar e trabalhar num mesmo local, abrindo uma reflexão para a ideia do cotidiano e as sociabilidades. Os estudos sobre as práticas ou técnicas de construção apontam para transformação paulatina das edificações da cidade, quando os antigos partidos tradicionais foram sendo transformados e remodelados, absorvendo uma série de características associadas a um determinado contexto social e econômico, como as diferentes influências historicistas da arquitetura brasileira que então são propagadas entre as regiões e cidades por diversos veículos.

Estima-se que o contato histórico entre os antigos proprietários de terras, comerciantes, pedreiros e mestres de obras, políticos, religiosos, num trânsito humano e agenciamento nas áreas históricas da mineração da Chapada Diamantina entre os fins do século XVIII, como a exploração aurífera no Rio das Contas, Caetitê, dos criatórios de gado de Parantiga e também pelas influências das metrópoles do sul como São Paulo, já em fins do século XIX, tenha influenciado paulatinamente a arquitetura na região. A circularidade de ideias, as trocas comerciais, as observações in loco, a leitura de revistas, ou jornais teria influenciado esses agentes das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e religiosas sobre diferentes formas a construção dessas edificações.

“A arquitetura abrange a consideração de todo o ambiente físico que circunda a vida humana; (...) já que a arquitetura é o conjunto das modificações introduzidas na superfície terrestre visando as necessidades humanas” (Moris apud Benevolo, 1972:12). Essa conceituação foi proferida pelo design inglês, teórico da conservação, William Moris, vemos como é surpreendente a síntese conceitual da arquitetura nessas considerações, a exemplo da relação homem-natureza e uma ideia implícita de funcionalidade como uma marca dos valores e das concretudes das experiências humanas. Assim veremos como a arquitetura em Macaúbas configura-se como uma arte e expressão, de modo que está circunscrita a um conjunto de informações sobre valores, como o ato de morar e as ações que se desenrolam no cotidiano dos espaços domésticos em diferentes espacialidades, bem como as diferentes experiências de trabalho associadas às concepções espaciais dessas edificações. Esse trabalho apresenta um recorte, à medida que procura analisar alguns desses modelos tipológicos de arquitetura com essa peculiaridade do uso misto como prática cultural, histórica e social no Alto Sertão baiano, analisando mais especificamente alguns exemplares da cidade de Macaúbas. A metodologia deste trabalho surgiu dos estudos de inventariação de alguns de seus acervos realizados na região, bem como a leitura de referências bibliográficas.

Ao historiador que tenha como preleções fontes documentais na arquitetura, para construir um discurso narrativo sobre um lugar e época, deve orientar-se por uma

discussão epistemológica. Márcia Regina Chuva, escreveu que “A história como um instrumento de identificação de bens culturais” elabora uma interessante abordagem do historiador na tarefa de identificação e preservação de bens culturais, como patrimônios artísticos. Trata-se de um texto correlato ao seminário sobre a importância dos inventários de identificação, como instrumento metodológico de investigação. Márcia Chuva, discute as fontes como tradução e interpretação. Segundo ela, para além do saber da fonte do outro, é preciso fazer-lhes perguntas, “quem produziu ou produz a fonte ou o objeto recortado” (Chuva, 1998:49) as características da produção, origem, transformação, motivações. A autora vê as fontes como código a ser traduzido os seus significados. “A linguagem histórica deve ser compreendida enquanto tradução de linguagens culturais, com suas temporalidades próprias” (Chuva, 1998:42).

Para Márcia Chuva, esse exercício de tradução permanente permite a construção de infinitas leituras, ainda que fragmentárias pelo recorte cronológico ou regional. Nega-se, assim a possibilidade de uma verdade absoluta, pois o passado é uma construção infinita feita por recortes. Assim, os objetos como espaços urbanos e edificações em que estamos a analisar, possuem seus códigos os quais são passíveis de tradução pela sua concretude existencial enquanto materialidade física, mas, impõe um rigor teórico e reflexivo, sobretudo se tratar do caráter inventivo das experiências humanas. A seguir, apresentamos uma caracterização da área de estudo, o contexto histórico do Alto Sertão baiano.

## **O ALTO SERTÃO BAIANO, UMA ESPACIALIDADE HISTÓRICA**

Os estudos acerca da história das práticas construtivas e permeados pela ideia dos saberes e fazeres sobre a arquitetura antiga que fora erigida no Alto Sertão da Bahia durante o século XVIII, ainda são escassos, sobretudo trabalhos situados numa relação entre história, arquitetura, urbanização e sociedade. A antiga arquitetura colonial no alto sertão baiano ainda necessita de muitas problematizações e investigações, como um documento importante sobre a formação histórica e social dessa região através de seus acervos no campo da arquitetura religiosa, militar ou civil. Não o mero conhecimento técnico da arquitetura pela arquitetura ou o mesmo para o fenômeno da urbanização e suas nuances em diferentes contextos e conceitos, em abordagens sobre sua materialidade, mas, sim ao nos referirmos sobre essas arquiteturas como documento histórico que testemunha valores sobre a vida social e cultural, também estamos nos referidos a valores intangíveis como uma possibilidade profícua e necessária de investigação que urge. Estamos a pensar sobre as antigas formas construídas e tipologias arquitetônicas erigidas em nossos antepassados, como as capelas, casas de fazendas, residências, mas, sem deixar de problematizar acerca de um conjunto de valores objetivos e complexos que estão

impressos em cada uma dessas expressões arquitetônicas.

Utilizamos neste trabalho a denominação Alto sertão da Bahia, para demarcar uma região que remonta aos antigos territórios coloniais das antigas vilas de Rio de Contas e a Vila do Príncipe e Santana de Caetité, Santo Antônio do Urubu de Cima, as quais foram se formando durante o século XVIII, tendo como motivação a exploração do ouro nos vales dos rios Paramirim, rio das Contas, a criação de gado, agricultura e seus desdobramentos na interiorização e ocupação nos sertões. Analisando os processos de interiorização do império português através da ação dos sertanistas denominados de “homens de caminho”, Isnara Pereira Ivo, ao trabalhar com a ideia de um processo de mundialização quando da união das duas coroas ibéricas Portugal e Espanha, mostrando como esse processo era movimentado por uma rede de trocas culturais, mediações e interligações. Para ela o império lusitano ao adentrarem em regiões não litorâneas, acionou o planetário das monarquias católicas, entre eles, o Sertão de Minas Novas do Araçuaí; o Sertão da Ressaca, grosso modo, município da Imperial Vila da Vitória, o Alto Sertão da Bahia, Rio de Contas e Caetité (Ivo, 2012:32) que “vivenciaram de forma conectada, as experiências de trânsito e de mobilidade verificadas em todo o mundo ultramarino” (Ivo, 2012:35). A cidade de Macaúbas insere-se nesse movimento de interiorização dos sertões da América portuguesa num processo de transição entre os séculos XVIII-XIX numa espacialidade denominada de sertões de Paramirim.

Para Albertina Vasconcellos o “sertão” corresponde à vasta área de território que serviu como freio e reserva à completa ocupação e domínio do empreendimento colonizador “De terra de índios o sertão transmuta-se em terra de ninguém e em terra de alguns” (Vasconcelos, 2015, p.47). Para a autora com a materialização mais visível da implantação das estruturas de poder metropolitano, a política de aldeamentos, fazendas de gado e a superintendência da mineração, e a formação de uma sociedade de trabalho e economia escravista, conferiam ao sertão outra feição, a de uma paisagem transformada pelos povoados e vilas, onde a partir de então a administração colonial passou a denominar essas diferentes regiões vastas em: “Sertão de cima, Sertão de baixo, Sertão do São Francisco, Sertão da ressaca” (Vasconcelos, 2015, p.47).

A arquitetura em Macaúbas desse modo ainda que tardiamente, recebe muitas influências do padrão de colonização plasmado nos sertões das capitâneas da Bahia e de Minas Gerais, nos setecentos, presentes, sobretudo na urbanização das vilas mineradoras, do gado e da agricultura. As antigas práticas de edificar em Macaúbas provêm dessas vilas coloniais em suas áreas limítrofes nas capitâneas da Bahia e de Minas Gerais, como Rio de Contas, Caetité, Santo Antônio do Urubu, Serro Frio, Minas Novas, resultado dos trânsitos comerciais e culturais apontados por Isnara Ivo, bem como da posterior mineração na Chapada Diamantina na primeira metade do século XIX. Em Macaúbas essa conexão de influências com os circuitos coloniais, está relacionada à ocupação com os negócios da terra, as demandas

do comércio nas vilas setecentistas e da economia colonial ultramarina em escala mundial, acionando sistemas locais de economias de abastecimento interno.

Júnia F. Furtado ao escrever sua tese sobre os mecanismos da interiorização do império ultramarino, assim como Isnara Ivo, buscou compreender a história do comércio e dos comerciantes nas minas setecentistas, trata-se de uma pesquisa que busca abordar os mecanismos de espacialização e instrumentalização do poder no ultramar e a formação de uma cultura política e administrativa da sociedade colonial mineira, e com tal, esse estudo espalha-se nas visões gerais sobre outros espaços setecentistas coloniais, mostrando caminhos e percursos de uma série de agentes dessas dinâmicas socioeconômicas e políticas.

As arquiteturas como espaço de finalidades objetivas, estão em conexão com as influências do poder ultramarino, sua ressonância ocorre como desdobramento das negociações com o ouro e diamantes, do gado e da agricultura que formavam redes de “homens de negócios” (Furtado, 2006:19), “homens de caminho” (Ivo, 2012:20) ou em nosso entender um novo trânsito e caminhos trilhados por “homens de sonhos” que se aventuram nos sertões do Paramirim em busca de um “pedaço de terra” numa vasta extensão territorial. Esse universo plural foi marcado pelas subjetividades das experiências humanas históricas bastante complexas e que requer ao pesquisador uma contextualização e caracterização em suas particularidades perante a esse processo de espacialização do poder do império ultramarino português, pois “os estudos das formas de administração colonial, salientando seu aspecto repressor, não foram capazes de explicar como se deu a constituição e construção de uma identidade comum, entre a metrópole e seus colonos” (Furtado, 2006:15).

## **ARQUITETURAS DE USO MISTO, VALORES E TESTEMUNHOS HISTÓRICOS NO ALTO SERTÃO DA BAHIA**

Em Macaúbas a experiência da arquitetura colonial encontra-se no antigo Arraial de Santana Lagoa Clara, muito embora aquelas construções, a exemplo da residência de Sebastião Cardoso da Silva, sejam datadas do começo dos oitocentos, o povoamento da região é anterior e nos reporta aos fins da segunda metade do século XVIII, com os fracionamentos e negócios de terras das fazendas de Vargens e Pé de Serra (Neves, 2008:155).

A casa de Sebastião Cardoso da Silva (figura 01) como um exemplar de arquitetura mista, foi construída em meados do início do século XIX, constituindo uma importante geração das edificações do início do povoamento na região. Como residência desta família, desde o Sr. José Ferreira da Silva, que era tropeiro, a edificação compõe o conjunto histórico da Praça de Nossa Senhora Santana e foi analisada em parecer técnico pela Arquiteta Zulmira Bitencourt Correia, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC em 2004, como importante exemplar

de casas rurais do início do povoamento no município.

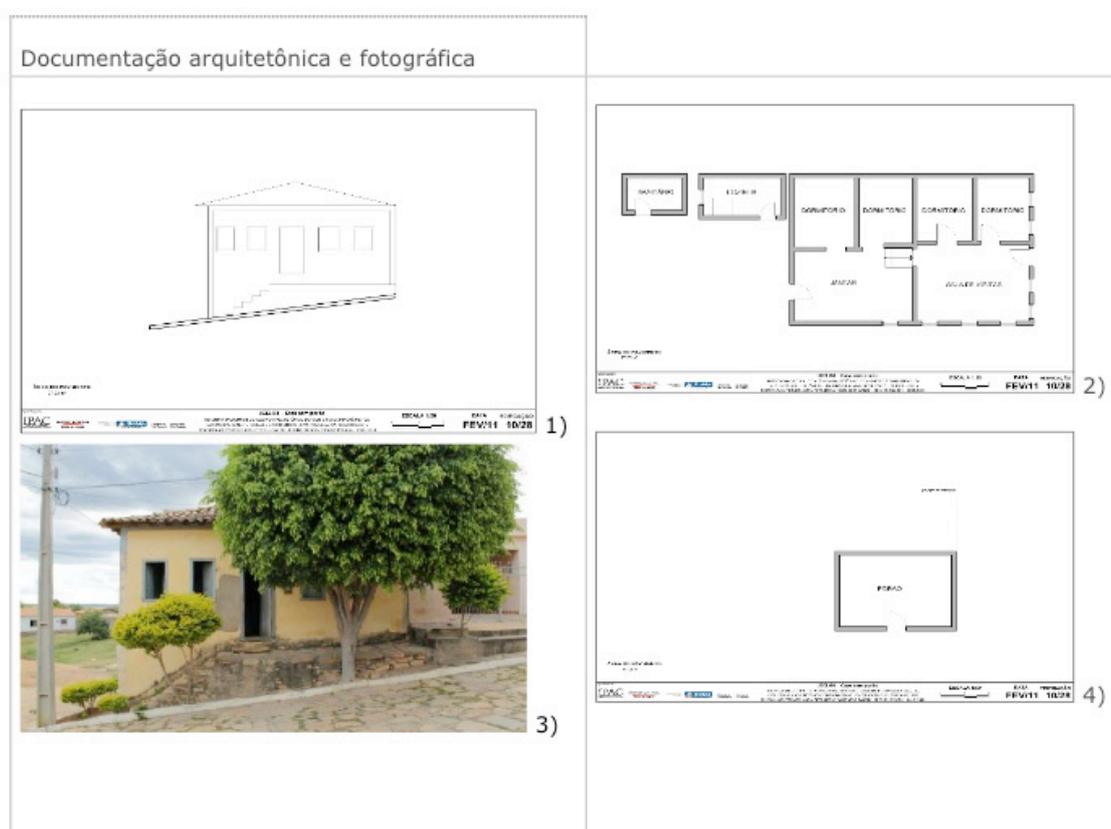
De acordo com a família o porão tinha a função de depósito de grãos, ferramentas e tralhas, ligado às atividades comerciais, pois os antigos proprietários eram tropeiros (figura 03). O tropeirismo era uma prática social, cultural e econômica disseminada nos vastos sertões. De acordo com Jurema Machado Paes, que estuda o tropeirismo no Alto Sertão da Bahia, mas, precisamente em Rio de Contas e Caetité, áreas limítrofes à Macaúbas diz que:

O tropeirismo possui diversas categorias, ou seja: a relacionada ao comércio de muares, a relacionada a produtos de exportação, e a ligada aos transportes de mercadorias de abastecimento interno (a policultura e a pecuária) que eram produzidas dentro da colônia para abastecer as regiões interioranas e as suas principais vilas e cidades (Paes, 2001, p.26).

As tropas assim tem uma relação direta como o tipo de economia e a região, nesse sentido era esse tipo de tropeirismo que era desenvolvido no Arraial de Lagoa Clara, assim se fazia o transporte de vários produtos, como milho, feijão, farinha, por exemplo, como atividade fundamental no abastecimento. A residência de Sebastião Cardoso (Figura 03) está implantada em declive numa esquina da Praça da Igreja de Santana. Seu acesso é feito por uma escada de pedra aparente que faz a ligação entre os dois níveis da edificação, do porão ao piso da residência. O porão é um elemento colonial, e está representado na (figura 04). Tanto a fachada frontal principal como lateral possui janelas e portas em madeira de verga reta, com cercaduras em madeira sem ornatos, de influência colonial, como podemos observar na (figura 01) com o desenho da fachada. O telhado em telha vã, mostra a estrutura aparente de caibros e ripas com beiral em terminação de cachorrada, elementos que conferem uma variante em caráter vernáculo em sua execução. Suas paredes autoportantes em adobes, são revestidas com barro.

A planta quadrada possui o padrão similar da região com algumas diferenças, geradas da imposição da topografia. A composição espacial conforme a (figura 02) apresenta a planta baixa e o programa de necessidades, indicando a sala de visitas à frente ladeada por dormitórios. A ligação com a sala de jantar é feita com uma pequena escada de alvenaria de pedra aparente, que corrige o desnível do terreno da Praça. A escada de alvenaria de pedra aparente e o assoalho na sala de visitas, são elementos característicos das soluções tradicionais em relação a topografia e a implantação e nivelamento dos terrenos. Os pisos são de tijoleira de pedra, sendo que o piso da sala de visitas feito em assoalho em barrotes e paralelo ao porão (figuras 07 e 08). A cozinha e o banheiro são anexos de intervenção posterior como podemos ver na documentação a seguir. Na fachada lateral, vendo a abertura do porão, detalhes do interior a partir da Sala de Jantar, com a disposição do mobiliário. O telhado aparente mostra as telhas coloniais e a trama das ripas, como sendo outra característica marcante da arquitetura brasileira, soluções e estéticas coloniais nos arraiais e vilas, como podemos ver na (figura 06).

A antiga documentação sobre a formação histórica do alto sertão da Bahia no século XVIII como as escrituras de compra e venda, os inventários *post mortem*, aludem os sucessivos fracionamentos dos latifúndios da Casa da Ponte da família Guedes de Brito, as apropriações e os negócios da terra, pecuária, mineração e comércio, sobre as conquistas dos sertões, a formação dos sítios e fazendas pecuaristas, a exemplo da casa da fazenda de Brejo dos Padres encravada nas cabeceiras do Rio das Rãs em terras do antigo Arraial de Santana de Caetité, e que pertenceu ao Capitão Antônio Xavier de Carvalho Cotrim, a Casa da fazenda setecentista de Santo Antônio, cujas parcelas arrendadas no início do oitocentos pertencia a Luiz José Pinto, depois vendida em 1809 para sua viúva Maria Alves Ferreira através de Joaquim Pereira de Castro, vinte anos depois transferidas para Bernardo de Brito Gondim (Neves, 2008:116).



Figuras – Casa de Sebastião Cardoso Silva, Distrito de Lagoa Clara.

Fonte: ICAAM, 2011.



Figuras - Casa de Sebastião C. da Silva, Distrito de Lagoa Clara

Fonte: ICAAM, 2011.

Como exemplo a esses estudos e de grande importância, destacamos o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia – IPAC-BA, coordenado pelo professor Paulo Ormino Azevedo, seus oito volumes trazem em conjunto uma grande riqueza de detalhes e considerações sobre as relações históricas entre essas regiões, sejam pelos processos de colonização, as relações comerciais, as singularidades culturais e os trânsitos humanos dos povos de diferentes etnias que circulam historicamente nestes territórios. O historiador Erivaldo Neves Fagundes ao escrever a história da cidade de Igaporã neste contexto discorre sobre a ocupação dos sertões da Bahia, pois nesta região

“desenvolveram-se várias fazendas integradas (...) além dos vínculos institucionais, num só processo de formação socioeconômica, entrelaçaram-se famílias, que urdiram uma comunidade sertaneja e construiu no curso de três séculos suas tradições sociais, políticas e culturais nas relações de vizinhanças e parentesco com a consciência de pertencimento aquele espaço da Serra Geral, entre as nascentes do Santo Onofre e das Rãs e vertentes do São Francisco” (Neves, 2008: p.140).



Figura 09: Casa da Fazenda Santo Antônio em Igaporã-BA.

Fonte: IPAC-BA, 1978.

Os estudos sobre a função mista da arquitetura não são uma novidade ou exclusividade nos sertões da Bahia, mas sim uma análise que visa identificar suas particularidades culturais num fenômeno que é típico das conveniências dos interiores do Brasil, mas, complexo devido as diferentes linguagens arquitetônicas em seu caráter de produção, além dos valores de uso e formas de ocupação dos espaços, as hierarquias de acesso em sua multiplicidade de valores e tradições circunscritos num processo histórico de longa duração, haja a vista, a história da arquitetura brasileira.

A caracterização tipológica das edificações, as descrições dos elementos arquitetônicos, são de fundamental importância para a história da região de Macaúbas. A descrição da Casa da Praça da Catedral em Caetité, por exemplo feita em 1978, por Paulo Azevedo e Odete Dourado, corroboram para a interpretação de que se trata de uma típica expressão arquitetônica que representa o morar e trabalhar na região, assim pode-se ler: “Edifício comercial provavelmente do início do século XIX. Na região em estudo as lojas e armazéns estão geralmente ligadas a uma residência, seja ela uma sobrado ou casa térrea”. Esse imóvel como veremos guarda uma semelhança muito próxima com a Casa do Professor Zacarias do Amaral em Macaúbas, seja pelo partido e sua utilidade como uso misto entre morar e trabalhar conforme as figuras a seguir.

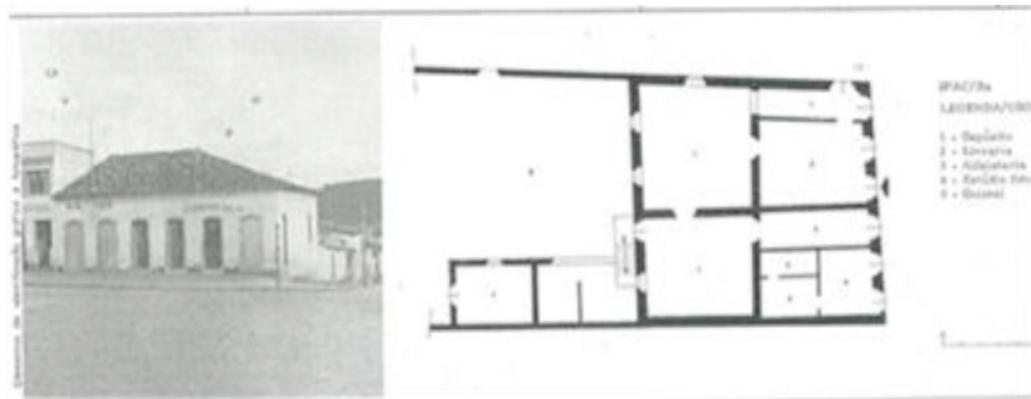


Figura 10: Arquiteturas civis de uso misto no Alto Sertão da Bahia

Casa da Praça da Catedral em Caetitê.

Fonte: IPAC-BA, 1978. p.59

As arquiteturas nos sertões do Paramirim são depositárias dessa tradição de uma cultura permeada pelo saber fazer, resultando nas formas e tipologias arquitetônicas de regiões limítrofes desde o início do século XVIII, durante o processo de formação das regiões do Alto Sertão da Bahia. A tectônica das expressões arquitetônicas é resultante dos mais variados fins, sejam pessoais, econômicos e políticos, pautados por suas necessidades objetivas como as questões ontológicas do morar e trabalhar. Em Macaúbas duas tipologias arquitetônicas como modelos representativos de sistemas construtivos são percebidas pela linguagem, elementos figurativos e visualidade.

Primeiramente destacamos um conjunto remanescente de arquiteturas vernáculas variantes do de estilo colonial, erigidas tardiamente ao longo dos séculos XVIII e início do século XIX. A velha arquitetura dos primeiros tempos de ocupação desta região, ainda necessita de melhores observações e análises através de outras fontes documentais, devido ao seu desaparecimento pela perda de sua materialidade. Desde já assinalamos que as arquiteturas da cidade de Macaúbas e com algumas correspondências com outras cidades de sua região e do país não se destacam em função de uma prática projetual oriunda de circuitos acadêmicos e com um caráter erudito, fruto de uma especialização, salvo algumas expressões, remodeladas em contextos posteriores, segundo revivals clássicos, coloniais, neoclássicos, transmutando-se em expressões ecléticas que irá expressar as necessidades de um contexto, a exemplo do desejo pela modernização em tempos republicanos na cidade, seguindo uma moda e tendências do século XIX, ou seja, uma replicação e remodelação nas edificações preexistentes que passam a ganhar novos elementos figurativos e soluções técnicas, em função de obrigações expedidas no Brasil Império, como as platibandas, mas, também seu impulso ocorre paralelo ao crescimento paulatino da industrialização e a propagação de novos materiais de construção, seus usos e conveniências.

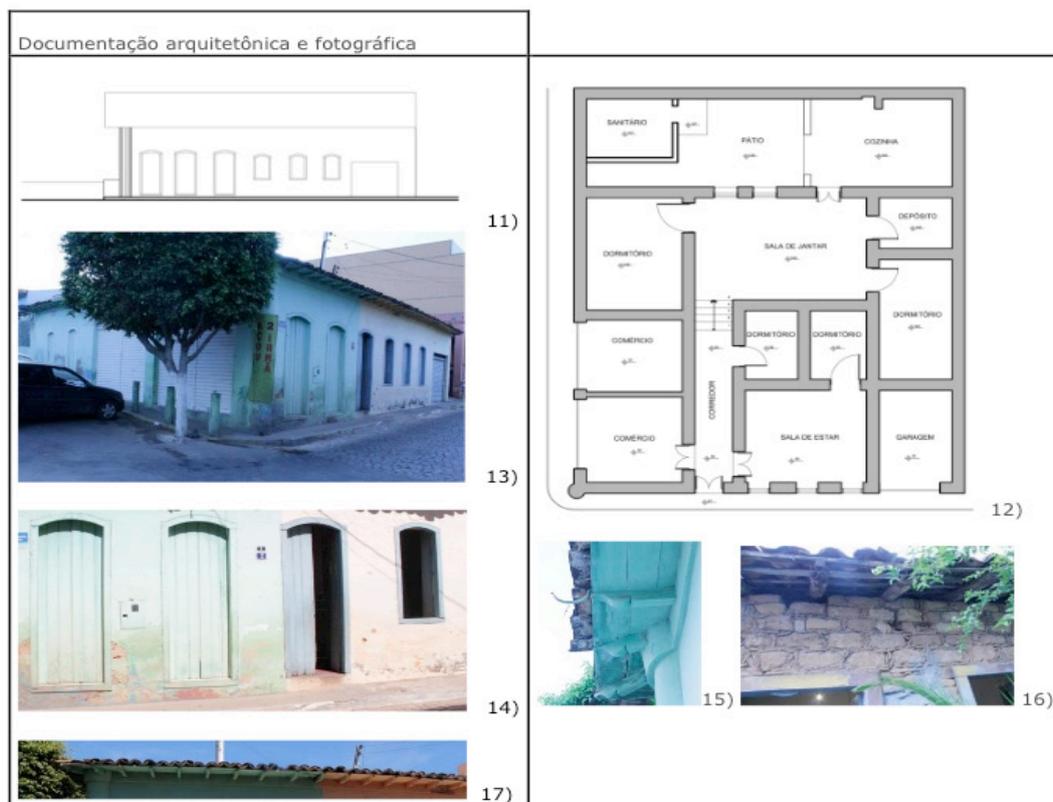
Em Macaúbas a velha arquitetura em estilo colonial tardio, será ao longo dos anos remodelada, sobretudo no apuro técnico das fachadas, recebendo “colagens” em uma gama de revivals historicistas. Essas transformações na arquitetura geraram intensos debates em torno de uma tradição versus modernidade. Discutimos a seguir um modelo tipológico representativo da arquitetura civil de uso misto na cidade, a Casa do Prof. Zacarias Amaral Rêgo, tal qual as semelhanças da Casa da Praça Catedral, na cidade de Caetité-Ba.

Em 06 de maio de 1959, conforme o traslado da escritura particular de compra e venda lavrada no tabelionato de Macaúbas, tendo como procurador Mário Domingues Amaral, como testemunha o professor José Batista da Mota, e como comprador, o professor Zacarias do Amaral Rêgo. Trata-se de um exemplar característico das arquiteturas de uso misto no sertão baiano, uma casa térrea (figura 13), com cobertura de telhas, sistema estrutural em adobes (figura 16), edificada numa esquina nesta cidade de Macaúbas, tendo duas frentes: a fachada principal se volta para o lado da Rua Manoel Vitorino conforme a (figura 11), tendo cinco janelas e três portas e a outra fachada apontada para a Praça Matriz da Conceição, tendo três janelas e três portas, além de um cômodo no fundo para depósito, esse depósito uma porta e uma janela de frente. As reminiscências do quintal evidencia a planta tipicamente colonial (figura 12), vendo a distribuição dos quartos, salas, cozinha. O terreno à época era foreiro à padroeira de Macaúbas, Nossa Senhora da conceição.

O imóvel foi adquirido pelos senhores Francisco Machado Figueiredo e sua mulher Elisa Moreira de Figueiredo. A origem da escritura nos reporta a 1916 quando foi adquirida de Francisco Borges de Figueiredo e sua mulher. Trata-se da geração das primeiras casas edificadas no entorno da Praça Matriz da Conceição. Zacarias do Amaral era professor formado pela antiga Escola Normal de Caetité, tendo atuado como professor na cidade no antigo Grupo Escolar Cônego Firmino Soares e no Ginásio Aloysio Short, também atuou no departamento de obras da prefeitura, tendo acompanhado e assinado os alvarás de licença de construção entre os anos de 1967 e 1968. A antiga casa do professor Zacarias do Amaral Rêgo é uma arquitetura cuja tipologia nos reporta a um padrão colonial historicista, sua planta é nitidamente uma continuidade de planta de tradição colonial de releitura e revivalismos, bem como a compartimentação dos seus espaços, que apresenta as funções de armazém-venda e morada. O corredor faz a articulação entre a sala de visitas, dormitórios com a sala de jantar que dá acesso ao pátio e área de serviços.

A casa está implantada em esquina ao rés do chão. De sistema construtivo em adobe, formado por uma mistura de argila e cascalho, que reforça e torna rígido o sistema estrutural em suas paredes autoportantes, com a função de vedação. Sua fachada é guarnecida por portas e janelas em arco de verga arqueada e abatido (figura 14), a fachada simples sem ornamentação, vendo a marcação de uma coluna adossada. O telhado possuiu uma tipologia cuja estética nos remete ao colonial (figura 17), vendo a estrutura de caibros e ripas em telha vã, sustentado por mão

francesa (figura 15). O beiral do tipo cachorrada seguia uma tradição regional da longa tradição colonial e sem imposição da platibanda que era uma postura adotada no Brasil Império. Passamos agora a tratar de outro exemplar à Praça da Matriz.



Figuras – Casa do Professor Zacarias do Amaral Rêgo, Macaúbas-Ba

Fonte: ICAAM, 2011.

O ilustre morador da Vila de Macahubas, o Vigário Colado na Freguesia da Nossa Senhora da Conceição de Macahubas, o Cônego Firmino Baptista Soares, formou-se no Seminário da Bahia tendo sido companheiro de seminário do Cônego Hermelino Marques de Leão, que o substituiu na Paróquia da Imaculada Conceição, após a sua morte ocorrida em 24 de julho de 1898. O Cônego Firmino morava em uma casa situada na Praça da Matriz, bem próximo da Igreja da Conceição. Trata-se de uma casa edificada em data incerta, talvez entre os anos da década de 1870- 80, construída por ele ou adquirida? O período do Pe. Firmino Soares em Macaúbas, como podemos ver nas descrições históricas feitas por Cícero Campos, é bastante conturbado, pois trata-se conflitos políticos sangrentos na vila entre os grupos liberais e conservadores, protagonizados pelo Juiz Municipal Ernesto Botelho de aspiração liberal e o Capitão Porfírio Brandão de orientação conservadora. Perseguido pelo Capitão Porfírio Brandão, muda de freguesia.

O Dr. Henrique Vital Soares, de acordo com a historiadora Consuelo Novais Sampaio, nasceu no dia 3 de novembro de 1874. Era filho de Firmo Batista Soares e de Rosalina Henrique Soares. Entregue pelos seus pais aos cuidados do seu

tio-padre, quando ainda era criança, do qual fora responsável pela sua instrução e formação inicial, até se mudar para Salvador para ingressar na Faculdade de Direito da Bahia, onde concluiu o curso em 1898, assumindo tempos depois à promotoria de Macaúbas, residindo na cidade até por volta de 1902, ou permanecendo mais tempo como afirma alguns. Ao regressar a Salvador seguiu carreira política tendo uma ascensão vigorosa após a queda da oligarquia Seabra. Sua entrada na política está associada a sua carreira como advogado e sua inserção na oligarquia dos Góis Calmon que o projetou, assim galgou os cargos de Deputado Estadual e Federal entre 1926-27, foi governador da Bahia entre os anos de 1928-30, renunciando ao cargo para formar chapa como Vice-presidente da República ao lado de Júlio Prestes, tendo sido eleito, mas, não assumindo o cargo devido a Revolução de 1930. Falece em 1933 deixando o sobrado que herdou do tio-padre como doação a Prefeitura da cidade, de acordo com o “Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República – 1889-1930”.

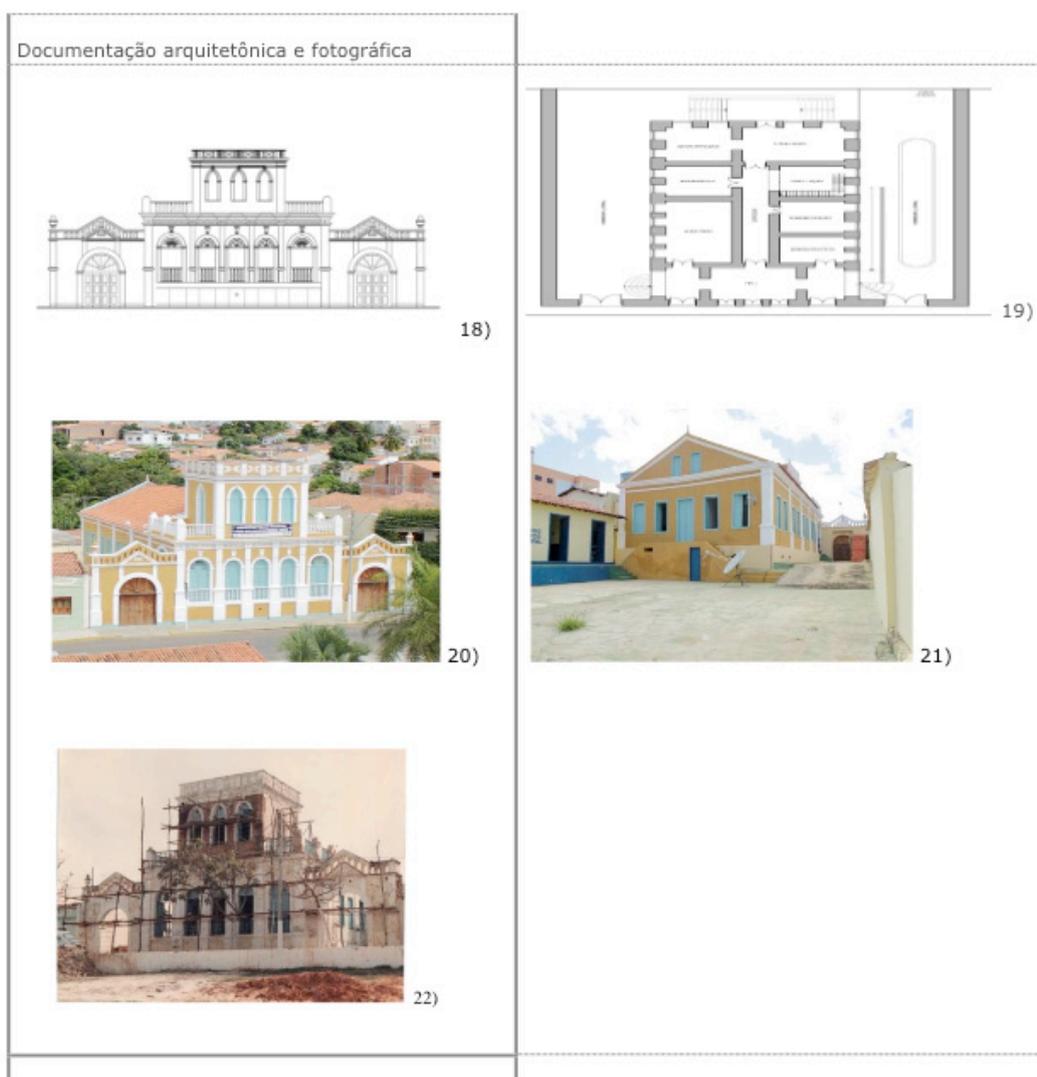
O imóvel inventariado apresenta uma nova implantação de casas na cidade e da nova arquitetura em fins do século XIX. Seu acesso é feito por dois pátios laterais /corredores (figura 19), possuindo um térreo, cujas aberturas são em arco pleno e as da fachada lateral em verga reta. Em seu pavimento superior ou primeiro andar em forma de torre, também descrito como mirante, o acesso se dá por uma escada de madeira no centro da edificação, nesse pavimento têm-se duas salas nas extremidades, as aberturas são ogivais. Os dois pavimentos são terminados em cimalha e platibanda.

A configuração espacial remete a tipicidade da arquitetura colonial, cuja espacialidade compõe-se: sala de visitas à frente – corredor – sala de jantar nos fundos, esse corredor central dá acesso aos quartos, conforme a planta. Seu sistema construtivo é formado por paredes autoportantes em alvenarias de tijolos. Sua fachada principal voltada para Praça da Matriz (figura 18) guarda um ritmo, simetria e hierarquia volumétrica. O acesso original se dá por um pequeno hall de distribuição, dele se tinha acesso, à direita a sala de visitas. Segundo Paulo Azevedo (Ipac-BA, 1997, p.100) o mirante é um elemento que reporta as residências e conventos no século XVIII em Salvador. Essa monumentalidade descrita anteriormente quando tratamos da arquitetura eclética, representa a busca da beleza, expressa o poder econômico, o prestígio, status social e o progresso em tempos republicanos. Esses referenciais historicistas revivalistas modernizantes são uma marca daquele contexto político, econômico e cultural, bem como a mão de obra especializada trazida provavelmente dos edifícios de Salvador e adaptadas na cidade por Vital Soares.

Podemos ainda observar o seu conjunto de ornamentos, pinturas em relevo, estuques. Esse imóvel apresenta valor histórico e arquitetônico para cidade, e consta no relatório do IPAC-BA no ano de 1978. “Edifício de relevante interesse arquitetônico” (...) “Casa do final do século passado, com porão alto, acessos e afastamentos laterais” (Ipac-BA, 1997, p.255-56). Em relação ao uso do espaço na

época do Padre Firmino ainda não foi possível memorar devido à falta de registros fotográficos ou documentos primários, bem como as alterações internas em que talvez nada lembre a época de Firmino.

Nesse período Vital Soares, provavelmente empreendeu uma grande reforma. Consta na fachada os anos de 1885-1895, transformando a tímida casa térrea, que ganhou ares de sobrado e monumentalidade, ressalta-se essa data não é a de construção daquela edificação. A composição da fachada recebeu uma série de elementos arquitetônicos, que passou a caracterizar a velha casa em arquitetura eclética, onde se identifica uma série de revivals historicistas como o mirante neogótico, elementos neo-renascentistas e neo-barrcos, vendo suas cercaduras e vãos de abertura ogivais e os arcos plenos (figura 20). O Dr. Vital Soares tinha intenções claras de mostrar o seu poder, a busca do conforto, a estratégia da torre com sacada como elementos que conferem a vista estratégica e privilegiada da praça, ao que parece um espaço de reuniões.



Figuras – Antiga residência do Cônego Firmino Soares

Fonte: ICAAM, 2011.

Depois de ser a residência Padre Firmino e de Vital Soares, tornou-se uma edificação de propriedade e utilidade pública da cidade de extremo valor, como o funcionamento do colégio normal, em seguida sede da prefeitura municipal por anos. Em 1986 passou por outra grande reforma no governo de João de Oliveira Figueiredo, tendo sido trocado o telhado, inserido os novos portões e trechos do piso, sistema hidráulico. Nos registros fotográficos observam-se os andaimes e o barro como exemplo de práticas e materiais locais. A restauração da fachada feita em 2010, numa importante reforma na edificação através da Fundação Pedro Calmon, o edifício foi adaptado para ser a Biblioteca Municipal Professor José Zacarias do Amaral Rêgo.

## ARQUITETURA E PERCEPÇÕES DO SOCIAL

A arquitetura traduz-se em documentos primários percebidos através de análises *in loco* e elaborações de um conhecimento técnico especializado sobre a morfologia das edificações, volumetria, implantação, materiais e técnicas construtivas, a complexa leitura dos estilos históricos e artísticos, elementos de ornamentação e composição estética, estudos sobre usos e funções, estado de conservação e classificações tipológicas, estiveram presentes na seara dessas observações. Quando das possibilidades a documentação escrita fidedigna, sobretudo se tratar de edificações desaparecidas e ou alteradas ao longo do tempo, são de fundamental importância para interpretações mais seguras, a exemplo de nossa antiga arquitetura civil rural colonial nascida do processo de formação dos sertões altos da Bahia no século XVIII.

Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves, analisando historicamente os significados da palavra patrimônio e numa visão antropológica, considera que suas interpretações nos conduzem as limitações e possibilidades. A palavra patrimônio apesar de ser uma invenção moderna dos processos de formação dos Estados Nacionais europeus em fins do século XVIII (Gonçalves, 2003:21), trata-se de uma noção que é anterior a esse contexto, pois o sentido do patrimônio poder ser analisado desde as sociedades tribais, clássicas e medievais. Para Gonçalves a categoria de patrimônio é importante como o conhecimento da sociedade ao longo desse processo histórico. “Suas qualificações acompanham as divisões estabelecidas pelas modernas categorias de pensamento: economia, cultura, natureza, etc.” (Gonçalves, 2003:23). Nesse sentido a categoria de patrimônio é uma construção social em contínuas modificações a medida que se estabelecem essas diferentes qualificações.

Como arte e prática cultural, e essa noção de patrimônio os documentos arquitetônicos exprimem relações homem e sociedade através de leituras do espaço urbano e de valores sociais a ele intrínsecos. A relação arquitetura e documentação oferecem inúmeras possibilidades de interpretação e escrita da história, porém,

como fonte, apresenta limites em seu tratamento, como a identificação do contexto, autoria, caráter de produção e transformação. Entre essas relações, analisamos alguns exemplares de arquitetura civil de uso misto no Alto Sertão da Bahia e tomando como recorte algumas particularidades e Macaúbas. Uma edificação se altera com o tempo em função dos sucessivos proprietários, mudança de valores, modificações no programa de necessidades, remoção ou acréscimo de elementos. Essas e outras alterações podem ou não serem percebidas num exame *in loco* ou documentação na fase de pesquisa histórica de uma recomposição e mesmo pretensa da originalidade de uma edificação em projeto de restauro, pois intervenções posteriores são consideradas pastiches e em sua grande maioria não formam documentadas, nesse sentido, não temos uma memória da restauração das intervenções nesses espaços, sobretudo em virtude do caráter privado.

As expressões arquitetônicas como possibilidade de escrita da história, são interpretadas como bens materiais da cultura ou cultura material, um conceito teórico do campo arqueológico que interpreta os “materiais e objetos concretos da vida das sociedades” ou “materialidade da coletividade” (Bucaille e Pesez, 1989:11). Essas proposições são feitas por Bucaille e Pesez acerca da “Cultura Material” para uma história das abordagens econômicas, sociais, e como noção definidora para história das técnicas. A interpretação social através de bens materiais da cultura fornece subsídios para entender a coletividade da sociedade, como tradição cultural de uma maioria ou das massas, o que também conceitua e qualifica o patrimônio cultural, como vimos anteriormente nas asserções de Gonçalves.

Das percepções desta pesquisa, ficou evidente uma relação social entre arquitetura e sociedade, sobretudo nas dimensões entre as práticas de construir, morar e trabalhar típicas da região do Alto Sertão baiano, as quais criam uma atmosfera multifacetada de valores dinâmicos e complexos, observados nos casos analisados, e suas correspondências entre algumas cidades da região em tela. Foi possível sistematizar e classificar algumas categorias, como variantes das influências dos estilos da arquitetura brasileira, a exemplo do colonial tardio e do ecletismo. Como remanescentes do patrimônio cultural da região, portadoras de uma identidade local e regional, essas arquiteturas civis de uso misto, entraram em desuso e desaparecimento paulatino na cidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de (coord.). **Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República – 1889-1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2015.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural. IPACBA-Monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina**. Salvador, 1980.

BENEVOLO, Leonardo. **Introdução a arquitetura**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean - Marie. **Cultura Material**. In: Enciclopédia Einaudi, Lisboa, IN / CM, 1989, vol.16 – Homo/ Domesticação / Cultura Material, p.11-47.

CHUVA, Márcia. A história como um instrumento de identificação de bens culturais. In: **Inventários de identificação: um programa da experiência brasileira**. Org. MOTTA, Lia e SILVA, Maria Beatriz Resende. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998. pp.41-50.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Homens de Negócios: a interiorização da metrópole e o comércio das minas setecentistas**. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. In: Rio de Janeiro: DP&A, 2003.pp.21-29.

IVO, Isnara Pereira. **Homens de caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n.115 (Nova Série), julho-dezembro de 1983, p.103-117.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.

PAES, Jurema Mascarenhas. **Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no alto sertão baiano**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VASCONCELOS, Albertina Lima. **As Vilas do Ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, Século XVIII)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**DENISE PEREIRA** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**MARISTELA CARNEIRO**- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

### B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

### C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

### E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

## F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

## G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

## H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

## I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições confessionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

## L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

## M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

## P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

## R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

## S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

## T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

## V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-823-6



9 788572 478236